



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA

TEREZINHA VITÓRIA DOS SANTOS

**MÚSICA E SURDEZ: A INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES MENTAIS NA
PERCEPÇÃO MUSICAL EM PESSOAS SURDAS**

SOBRAL

2022

TEREZINHA VITÓRIA DOS SANTOS

MÚSICA E SURDEZ: A INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES MENTAIS NA
PERCEPÇÃO MUSICAL EM PESSOAS SURDAS

Monografia apresentada ao Curso de Música –
Licenciatura da Universidade Federal do Ceará,
Campus de Sobral, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Música.
Área de concentração: Ensino de Música.

Orientadora: Profa. Dra. Adeline Annelyse
Marie Stervinou.

SOBRAL

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S239m Santos, Terezinha Vitória dos Santos.
Música e Surdez: A influência das representações mentais na percepção musical em pessoas surdas /
Terezinha Vitória dos Santos Santos. – 2022.
46 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Música, Sobral, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Adeline Annelyse Marie Stervinou.
1. Pessoas surdas. 2. Representações mentais. 3. Música e inclusão. 4. Percepção musical. I. Título.
CDD 780
-

TEREZINHA VITÓRIA DOS SANTOS

MÚSICA E SURDEZ: A INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES MENTAIS NA
PERCEPÇÃO MUSICAL EM PESSOAS SURDAS

Monografia apresentada ao Curso de Música –
Licenciatura da Universidade Federal do Ceará,
Campus de Sobral, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Música.
Área de concentração: Ensino de Música.

Aprovada em: xx/xx/xxxx.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Adeline Annelise Marie Stervinou (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC/Sobral)

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto
Universidade Federal do Ceará (UFC/Sobral)

Profª. Dra. Maria Luiza Santos Barbosa
Secretaria Municipal de Educação de Salvador/BA (SMED)

A Deus.

A meus pais, Raimundinha e José Maria.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre conduzir meus passos em cada etapa da minha trajetória acadêmica, colocar pessoas maravilhosas para me auxiliar nessa caminhada e me permitir realizar esse sonho.

Aos meus pais, pelas orações e por sempre me apoiarem e priorizarem os meus estudos, com muito amor e dedicação, me auxiliando de forma emocional e material.

À toda minha família, por sempre se disponibilizarem a me ajudar, nas necessidades de transporte e quaisquer outras, e por valorizarem a minha arte.

Ao meu amigo Gernaldo Marques, por acreditar em mim desde o início e me auxiliar nos primeiros passos na vivência acadêmica, sua ajuda foi parte essencialmente importante para que eu chegasse até aqui.

À minha prima Creuzimar e seu esposo Macileide e seus filhos, por me acolherem como filha e irmã em sua casa durante o período que precisei estar mais perto da faculdade.

À minha amiga e irmã Michelle Santos, com quem tive o privilégio de compartilhar mais que a sala de aula. Partilhar com você todos os momentos tristes e felizes desse percurso tornou a minha vida acadêmica mais leve. Sempre serei grata pelo seu imenso apoio e companhia, se fazendo presente até na distância.

À Profa. Dra. Adeline Annelise Marie Stervinou, a quem tenho imenso carinho e respeito, pela sensibilidade, paciência e cuidado durante as orientações.

Aos professores participantes da banca examinadora, Prof. Dr. João Emanuel Benvenuto e Profa. Dra. Maria Luiza Santos Barbosa, pelo tempo e pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos participantes da pesquisa, pelo tempo concedido nos experimentos, pela confiança e acolhida em suas casas.

Aos colegas de orientação, pela força e companheirismo.

A todos os meus professores, pelo profissionalismo e, principalmente, pela humanidade e paixão com que exercem seu ofício.

Por fim, a todos os meus colegas da turma de 2018.1, pela parceria, companheirismo e amizade. Sem dúvidas, a melhor turma de todas, que levarei sempre no meu coração. E aos demais colegas que hoje são amigos e sempre manifestaram carinho e apoio.

“Vivenciar a música não é um ato isolado, focado em si mesmo. São encontros que permeiam as relações sociais e dão sentido à própria existência, no convívio com os demais.” (MATHIAS, 2019, p. 26).

RESUMO

A presente pesquisa investigou a vivência musical de pessoas surdas do distrito de Sítio Alegre, na cidade de Morrinhos no Ceará, e tem como objetivo principal analisar a influência das representações mentais na percepção musical em pessoas surdas. Partindo do fato de que as pessoas surdas não têm a possibilidade de perceber a música como as pessoas ouvintes, entendemos por percepção musical a percepção realizada a partir das vibrações musicais sentidas. Assim, foi empreendida uma pesquisa bibliográfica sobre os dois temas principais da pesquisa, a saber: Educação Musical Inclusiva e Surdez, e Representações Mentais. As representações mentais são imagens construídas por meio de experiências e conhecimentos atribuídos pelo indivíduo no seu cotidiano, que surgem da memória quando estimulada. Para tanto, a partir das sensações vibratórias vindo de uma caixinha de som reproduzindo duas músicas, promovemos um experimento de apreciação musical com participantes que apresentavam diferentes graus de surdez. O protocolo da pesquisa foi organizado a partir da seguinte pergunta: "Em que você estava pensando enquanto sentia a vibração da caixinha de som?", a fim de observar e analisar as respostas dos participantes em função das imagens mentais criadas durante a apreciação musical das vibrações sonoras da música. Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa na qual a coleta de dados foi realizada através de vídeos filmados durante o experimento com cada participante. Os resultados da análise dos dados recolhidos apontaram que as representações mentais influenciaram positivamente na apreciação musical de alguns dos participantes surdos e de outros não. Diversos fatores, como a limitação na comunicação de alguns indivíduos surdos, influenciaram nos resultados obtidos.

Palavras-chave: Pessoas surdas; representações mentais; música e inclusão; percepção musical.

ABSTRACT

The present research investigated the musical experience of deaf people in the district of Sítio Alegre, in the city of Morrinhos in Ceará, and its main objective is to analyze mental representations' influence on musical perception in people with deafness. Starting from the fact that deaf people do not have the possibility of perceiving music like hearing people, we understand by musical perception, the perception made from the felt musical vibrations. Thus, a bibliographic research was carried out on the research's two main themes, namely: Inclusive Music Education and Deafness, and Mental Representations. Mental representations are images constructed through experiences and knowledge attributed by persons in their everyday life that arises from memory when stimulated. For this, we carried out an experiment of musical evaluation with participants who presented different degrees of deafness reproduction, from the vibratory sensations of the participants when holding a sound box reproducing two songs. The research protocol was organized around the following question: "What were you thinking about while you felt the sound box's vibration?" in order to observe and analyze the participants' responses as a function of the mental images created during the musical appreciation of the music's sound vibrations. This research presents a qualitative approach in which data collection was carried out through videos made during the experiment with each participant. From the analysis of the collected data, the results showed that the mental representations had a positive influence on the musical appreciation of some deaf participants and others that were not. Several factors, such as the limitation in communication of some deaf individuals, influenced the results obtained.

Keywords: Deaf people; mental representations; music and inclusion; musical perception

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Caixinha de som portátil H'MASTON YX-225BT.....	26
Figura 2 - Posicionamento das mãos na caixinha de som	26
Figura 3 - Participante 1.....	31
Figura 4 - Participante 2.....	31
Figura 5 - Participante 3.....	32
Figura 6 - Participante 4.....	32
Figura 7 - Resposta da participante 1- Primeiro momento	34
Figura 8 - Resposta da participante 1- Segundo momento.....	34
Figura 9 - Resposta do participante 3 - Segundo momento.....	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL	16
2.1	Educação Musical Inclusiva e Surdez	16
2.2	Percepção Musical e Surdez	19
2.3	Representações Mentais	21
3	METODOLOGIA	25
3.1	Protocolo Experimental	25
3.2	Estrutura do Experimento	28
3.4	Apresentação dos Participantes	29
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
4.2	Participante 1	33
4.3	Participante 2	35
4.4	Participante 3	35
4.5	Participante 4	36
4.6	Discussão	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	43
	ANEXO A - MODELO TCLE	45

1 INTRODUÇÃO

O tema investigado partiu da curiosidade da autora em conhecer como a música estaria presente na cultura surda e como seria a vivência musical do indivíduo surdo. Essa curiosidade nasceu antes do seu ingresso no Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus* de Sobral, mas foi potencializada na vivência acadêmica durante as aulas de LIBRAS e Educação Musical, que lhe trouxeram reflexões sobre a educação musical inclusiva de pessoas surdas.

Antes de adentrar o tema proposto, é importante enfatizar que no artigo 2º do decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.” (BRASIL, 2005). Apoiada nesse decreto, a autora optou por usar o termo “pessoa surda” em todo o trabalho ao se referir às pessoas com algum tipo de perda auditiva.

O ato de ouvir música nos proporciona muitos sentimentos. Uma canção pode fazer que uma pessoa recorde momentos guardados na memória, visualize cenas específicas relacionadas com essas lembranças e, assim, vivencie várias emoções. As representações mentais são as responsáveis por isso. Sobre o conceito de representações mentais, temos a citação de Vasconcellos:

As representações mentais referem-se a todos os processos cognitivos, como raciocínio, memória, compreensão, solução de problemas, etc. Essas representações são as unidades de conhecimento das quais a mente se utiliza para a construção de modelos e esquemas mentais, funcionando como os processadores de informação da atividade superior humana. (VASCONCELLOS, 2012, p. 1).

Segundo Huron, “há amplas evidências da existência de representações mentais musicalmente pertinentes”. Ouvintes comuns têm acesso a representações mentais em música, e podem pensar música de maneira introspectiva. Algumas representações podem ser acessadas na total ausência de som (HURON, 2012, p. 11).

Os sons estão muito presentes no cotidiano das pessoas ouvintes, na televisão, no rádio, no carro, nos comércios, em casa, na rua, na natureza etc. Se você é ouvinte, a música, mesmo que inconscientemente, está inserida na sua vida e, às vezes, ela desperta em você lembranças e sentimentos. Esses sons vão sendo armazenados na sua memória e, mesmo com a total ausência deles, você pode lembrar a letra e a melodia desses sons (HURON, 2012)

A música está inserida de forma significativa na cultura do indivíduo ouvinte e o vemos comumente ouvindo ou produzindo música. No entanto, pouco se conhece sobre o envolvimento de pessoas surdas com a música, já que não é tão comum presenciar indivíduos surdos no meio musical. Essa realidade pode nos fazer pensar que a prática musical não está presente na cultura surda. Este fato revela-nos que conhecemos muito pouco da cultura surda e acabamos limitando, ainda que de forma inconsciente, as possibilidades de vivência musical das pessoas surdas à audição.

Os surdos têm a sua própria cultura e percebem o mundo de maneira diferente dos ouvintes e é também de forma diferente que percebem a música. A linguagem visual é a principal forma pela qual o indivíduo surdo percebe o mundo ao seu redor (STROBEL, 2008), mas a percepção pode ocorrer também pelas sensações, como o toque. A apreciação musical envolve todo o corpo, e o sujeito surdo pode vivenciar sua experiência musical pela visão e pela sensação do toque (SCHAMBECK, 2017).

Ao abordarmos a temática música para surdos, é necessário compreender que a música é muito mais que ouvir com os ouvidos. É necessário compreender que “O som é onda, que os corpos vibram que essa vibração se transmite para a atmosfera sob a forma de uma propagação ondulatória” (WISNIK, 1989, p. 17). Assim, podemos dizer que a música é uma vibração e a percepção musical não se limita à audição. Todos podemos sentir fisicamente o som, só precisamos prestar atenção e envolver o nosso corpo durante a escuta musical a fim de sentirmos o som vibrar. É possível ver e sentir o som se realmente prestarmos atenção, é disso que se trata ouvir (GLENNIE, 2019).

No Curso de Música - Licenciatura da UFC, *Campus* de Sobral, a autora percebeu, durante as discussões nas aulas, o quanto a música deve ser acessível para todos. A autora também observou a inexistência de pessoas com deficiência no Curso de Música e isso a intrigou. Ao se informar se em outros anos algum aluno com deficiência já havia passado pelo Curso, descobriu que, até então, o Curso não recebera nenhum aluno com deficiência. Essa observação gerou questionamentos relacionados ao contato desses indivíduos com a música. Será que eles não se matriculam em um curso de música porque há um preconceito, tanto deles como da sociedade ouvinte em geral, de que a música não pode ser executada por eles? Ou será que falta uma melhor divulgação para mostrar que a música pode ser vivenciada e executada de muitas formas? Enquanto estudante de licenciatura, a autora sempre levantou reflexões em torno da vida docente. Nas disciplinas de educação, os professores sempre motivaram os discentes a pensar nos contextos em que atuariam no futuro, enfatizando algumas realidades que possivelmente encontrariam. Quando começou a cursar a disciplina obrigatória de Língua

Brasileira de Sinais (LIBRAS), suas reflexões sobre música inclusiva foram direcionadas para o ensino de música para surdos. Desse modo, passou a se questionar sobre situações futuras: e se durante a sua carreira de professora de música recebesse na sala de aula um aluno surdo, como agiria? Quais recursos usaria para proporcionar a aquele aluno uma vivência musical de qualidade? Como trabalharia musicalização com esses alunos?

Nesse contexto, foi fácil perceber que existe uma lacuna nas pesquisas envolvendo música e surdez. A partir dessa constatação, a autora se sentiu motivada a buscar respostas para os seus questionamentos. Em uma das aulas de LIBRAS, perguntou ao seu professor surdo se ele gostava de música e ficou surpresa com sua resposta. Este afirmou não gostar de música porque para ele não fazia muito sentido já que, por não ouvir a música, não lhe trazia emoção e, conseqüentemente, não a achava interessante. Mas, ao perceber o espanto da autora, o professor lhe informou que muitos de seus amigos surdos gostavam de música. Com isso, a autora percebeu que, antes de pensar em musicalização de pessoas surdas, seria necessário compreender quais são os meios pelos quais esses indivíduos poderiam sentir a música e, após essa experiência, apreciar e até mesmo executar música.

Em vista disso, o presente trabalho partiu do seguinte questionamento: a percepção consciente das representações mentais em pessoas surdas auxilia a forma como elas sentem a música? A nossa hipótese é de que a percepção consciente das representações mentais durante a apreciação musical poderia auxiliar de maneira mais significativa as pessoas surdas. Para demonstrar isso, participantes surdos foram expostos às vibrações vindas de músicas escolhidas especialmente para o experimento. Assim, pudemos observar as representações mentais criadas a partir dessas vibrações, permitindo atribuir, para as pessoas surdas, algum sentido às vibrações musicais percebidas.

A pesquisa em questão tem como eixo investigativo música e surdez: a influência das representações mentais na percepção musical em pessoas surdas. Com ela, pretendemos apontar informações necessárias para compreender a experiência musical do indivíduo surdo através da observação consciente de suas representações mentais. Isso permitirá entender as contribuições desse processo para a inclusão de pessoas surdas no meio musical e para a construção de estratégias para a educação musical inclusiva, a fim de expandir a experiência musical a todas as pessoas que se interessem por vivê-la, seja de forma estética ou prática. Portanto, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações mentais de pessoas surdas durante o ato de sentir a música e contará com os seguintes objetivos específicos: definir representações mentais; observar como a percepção musical se estabelece com pessoas surdas, e coletar dados relativos às representações mentais de pessoas surdas.

Após a introdução, iniciaremos este trabalho com o referencial teórico da pesquisa, apresentando alguns autores de renome utilizados para explicar os temas centrais aqui trabalhados, a saber: educação musical inclusiva e surdez, percepção musical e representações mentais. Em seguida, apresentaremos a metodologia, em que serão detalhadas as etapas do protocolo experimental e os procedimentos da pesquisa realizada em campo, assim como a apresentação dos participantes. Prosseguiremos com a exposição dos resultados e a sua discussão para encerrar com as considerações finais sobre este trabalho, em que responderemos à nossa pergunta de partida e conferiremos a validade da nossa hipótese.

2 REFERENCIAL

Ao sugerir uma investigação a respeito das representações mentais evocadas durante a apreciação musical do indivíduo surdo, buscamos observar as suas contribuições para a experiência musical de pessoas surdas. Como não foram encontradas pesquisas que tratassem diretamente a presença das representações mentais na vivência musical do indivíduo surdo, escolhemos três temáticas como base para a fundamentação teórica deste trabalho: educação musical inclusiva e surdez, percepção musical e surdez, e representações mentais, visando à apropriação desses conteúdos para compreender e enfatizar a relação entre eles.

2.1 Educação Musical Inclusiva e Surdez

Para uma melhor fundamentação da pesquisa é importante conhecermos um pouco sobre as pessoas surdas e sua relação com a música. Além disso, é relevante abordarmos a inclusão desses indivíduos na música e na vida em sociedade. Este trabalho também começou a partir do olhar da autora sobre as pessoas surdas, que despertou interesse em saber se a música faz parte da vida delas e de qual modo. Por isso, a pesquisadora buscou artigos científicos que viessem a colaborar com a sua investigação.

A partir das leituras, percebeu-se que, nos últimos anos, a temática “Música e Surdez” vem tomando espaço nas pesquisas da área de música e educação inclusiva. A pesquisadora Mércia Mathias realizou um trabalho bibliográfico para investigar as produções sobre Música e Surdez no Brasil entre 2014 e 2018 e encontrou 96 produções sobre o tema. Segundo a autora:

No Brasil, a presença da música na sala de aula das escolas públicas é alvo de discontinuidades por parte das políticas públicas educacionais. Atualmente, vigora a Lei no 13.278/2016, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino de arte. As novas perspectivas da modalidade da educação especial contemplam os deficientes no contexto educacional, o que necessariamente inclui a pessoa com perda auditiva. (MATHIAS, 2019, p. 74)

No Brasil, é garantido por lei que todos têm direito à educação musical, incluindo as pessoas com deficiência. No entanto, analisando as produções sobre a temática, verificou-se uma crítica da parte dos pesquisadores da área sobre a inclusão das pessoas surdas nas escolas. Segundo eles, a educação musical, além de ser garantida por lei, deve ser praticada adequadamente em sala de aula, o que não acontece de fato. Nem todas as pessoas, surdas ou

não, têm acesso à língua brasileira de sinais, e, como destaca Mércia, “A oficialização da língua brasileira de sinais (LIBRAS) como natural à pessoa surda e toda a abrangência desse reconhecimento pela legislação brasileira são indispensáveis aliadas” (MATHIAS, 2019, p. 74) no que diz respeito à inclusão da pessoa surda no contexto escolar e na sociedade em geral.

Ainda segundo a pesquisadora, a matéria prima do som é a vibração. Mesmo que o surdo não possa ouvir o ambiente ao seu redor, ele pode senti-lo em seu corpo, já que “através da pele, reage às vibrações sonoras” (MATHIAS, 2019, p. 32). Por isso, não podemos limitar a experiência musical apenas à audição. Mathias empreendeu uma pesquisa em que entrevistou pessoas surdas com diferentes graus de perda auditiva que atuam na área de música. Os resultados apontam “que os surdos entrevistados gostam de música e um dos argumentos mais contundentes está no fato de que a aprendizagem musical se deu pela própria iniciativa deles.” (MATHIAS, 2019, p. 9). É importante informar que a própria autora é surda e atua como professora de música na rede pública. Sua pesquisa foi motivada pela sua própria experiência ao se deparar com a necessidade de ampliar as pesquisas sobre a temática que vem tomando consistência no Brasil. Porém, ainda há um longo percurso a ser trilhado para a inclusão não só da pessoa surda na educação musical, mas também para a própria consolidação da educação musical inclusiva nas escolas do país. Segundo ela, “Vivenciar a música não é um ato isolado, focado em si mesmo. São encontros que permeiam as relações sociais e dão sentido à própria existência, no convívio com os demais.” (MATHIAS, 2019, p. 26). A partir das suas entrevistas, a estudiosa observou que “muitos surdos veem a música como fonte de prazer, realização e, para a maioria dos entrevistados, vivenciar a música já faz parte do próprio cotidiano (...) através da música, o surdo cria um vínculo emocional dinâmico em suas relações”. Seu estudo mostrou ainda que “os surdos estão rompendo as barreiras e se inserindo no cenário artístico e cultural da sociedade e inspirando a muitos outros.” (MATHIAS, 2019, p. 139).

A partir da sua pesquisa, constatamos que a presença de intérpretes de LIBRAS nos ambientes de educação musical é muito importante, e que a educação musical deve ser ampliada para além das escolas, de modo que as pessoas surdas tenham mais acesso e oportunidades de apreciar e fazer música. Mércia considera que, “apesar de todos os avanços, o maior empecilho para que os surdos possam ter contato com a música é o preconceito social.” (MATHIAS, 2019, p. 139). Por isso, “antes mesmo da aprendizagem musical, estabelecer um canal de comunicação inicial eficaz deve ser prioridade.” (MATHIAS, 2019, p. 140). Esse canal, promovido pelo professor de música, deve proporcionar uma relação de confiança entre o aluno surdo e seu educador musical, a qual é importante porque, muitas vezes, pode haver resistência

inicial por parte da família em apoiar a decisão do surdo de fazer aula de música ou seguir uma carreira musical, como foi visto em alguns dos relatos dos entrevistados (MATHIAS, 2019).

Pesquisas revelam que, para que a educação musical inclusiva das pessoas surdas de fato aconteça, é necessário, sobretudo, que o professor conheça o seu aluno, a deficiência dele, a vivência dele e da sua família com a deficiência, bem como os direitos que lhe garantem o acesso à cultura e à arte, para poder criar estratégias de estímulos para que o surdo possa aproveitar ao máximo sua musicalidade e ter uma boa vivência musical.

Regina Schambeck executou um trabalho de musicalização com crianças surdas a partir de práticas educativas abordando música e movimento, o qual envolveu alunos ouvintes e surdos. O seu trabalho nos apresenta os meios que auxiliam o indivíduo surdo a desenvolver sua musicalização.

Segundo a autora:

Ouvir é algo que não acontece somente através dos ouvidos, mas também pelo corpo todo, pois a percepção vibrotátil amplia o que se ouve pelo ouvido. Do mesmo modo, o sentir é descrito pela autora como algo que pode significar tanto estímulos vibratórios, táteis, emocionais ou sinestésicos, como também o lado emocional, do sentimento. (SCHAMBECK, 2017, p. 116).

Desse modo, entendemos que, para que o ouvinte aproveite ao máximo a experiência musical, é preciso que esteja aberto a uma escuta musical que envolve todo o corpo, e, para tanto, é importante fazer uma escuta atenta. “A pessoa ouvinte usa os três sentidos para escutar, ou seja, a visão, o toque e a audição; já o surdo utiliza apenas dois desses sentidos: o toque, através da sensação e a visão.” (SCHAMBECK, 2017, p. 117). Nesse sentido, a pessoa surda pode apreciar música por meio do estímulo pelo toque ou pela estimulação visual.

O indivíduo com surdez profunda pode desenvolver uma alta sensibilidade às vibrações. Por isso, a utilização de amplificadores pode ser uma ótima ferramenta para proporcionar às pessoas surdas uma experiência musical considerável porque, por meio desses aparelhos, podem captar e perceber os sons através das sensações táteis (SCHAMBECK, 2017).

A autora defende que a “inserção da música no contexto escolar inclusivo é um princípio de direito que pode ser a única oportunidade de essas crianças terem contato com a linguagem musical e de terem constituído o seu ser musical.” (SCHAMBECK, 2017, p. 130) Portanto, é necessário estudar a temática e inseri-la com mais significância no meio da educação musical para que mais estratégias sejam criadas com o objetivo de expandir a música no meio da comunidade surda.

Suiti (2018) é outra autora que investigou a relação do surdo com a música, realizando uma pesquisa onde observou um aluno surdo e seus professores de música. Sérgio tinha 61 anos, era surdo profundo e estudava violão. Os resultados da sua pesquisa indicam que a música atua na vida da pessoa surda como entretenimento quando o aluno relata que se sente muito bem ao ouvir “The Beatles” no rádio e no computador, e que a música tem um papel muito importante no desenvolvimento social e comunicativo da pessoa surda, ajudando-o a sentir-se feliz e realizado.

A partir dos estudos e conceitos apontados percebemos que as pesquisas sobre “Música e Surdez” estão crescendo no meio da educação musical inclusiva. Entretanto, a prática da educação musical inclusiva de pessoas surdas ainda encontra muitas dificuldades, como por exemplo, a dificuldade de acesso à Língua Brasileira de Sinais enfrentada tanto por alunos surdos quanto por professores. Vimos também que muitos surdos gostam e vivenciam música mostrando o quanto é necessário proporcionar a eles essa experiência desde a infância. Percebemos ainda que é possível ultrapassar as dificuldades relacionadas ao ensino de música para surdos através do aprofundamento sobre musicalização de pessoas surdas, a saber, os meios pelos quais eles percebem música. A seguir, apresentaremos os conceitos de percepção musical e os meios pelos quais o ser humano pode perceber a música.

2.2 Percepção Musical e Surdez

No que concerne à educação musical para pessoas surdas é necessário ampliar os conhecimentos sobre as vias de percepção musical do ser humano, para que fique evidente que a música não é percebida exclusivamente pela audição e que possamos compreender que a perda auditiva não é um impedimento para a vivência da musicalidade em seu potencial. A pessoa com deficiência durante toda sua história enfrenta uma luta para conquistar seu espaço na sociedade, já que carrega consigo o fardo do estigma social que acaba por lhe excluir de muitas atividades e inclusive de direitos que devem ser garantidos a qualquer cidadão (LOURO, 2012).

Uma vez que o acesso à cultura deve ser garantido a toda população sem exceções, as artes estão inseridas como uma proposta relevante de inclusão. Por isso, ao abordarmos o assunto “Música e Surdez”, falamos necessariamente da música como inclusão social: “Em linhas gerais, a deficiência auditiva corresponde a uma perda de acuidade ou diminuição da capacidade de escutar os sons. Ou seja, trata-se da diferença entre o desempenho individual e a habilidade normal para detecção sonora.” (LOURO, 2012, p. 169).

Ao pensarmos em música para surdos, enquanto ouvintes, corremos o risco de achar que, por não ouvirem, as pessoas surdas não têm musicalidade. Inclusive, esse pensamento pode surgir em pessoas surdas que, em sua maioria, acabam sendo privadas da prática musical por causa do pouco conhecimento ou informação que ainda se tem sobre a temática. Contudo, a verdade é que muitos surdos se interessam por música, como afirma Viviane Louro: “Se dermos oportunidade, as pessoas surdas não apenas aprendem música como também passam a compreender sua importância intrínseca.” (LOURO, 2012, p. 192).

Uma das formas pelas quais o ser humano explora sua musicalidade é através da percepção dos ritmos.

Uma das primeiras manifestações de ritmo que podemos observar no comportamento humano é a capacidade sincronizar movimentos com a música. A criança que – aproximadamente a partir de dois anos de idade – bate palmas “no ritmo da música” exemplifica nossa habilidade de responder fisicamente à percepção de pulsações (beats) – definidas como pulsos (pulses) periódicos que estruturam a percepção do ritmo musical. (LIMA, 2018, p. 18)

Ou seja, desde a sua infância, o ser humano é capaz de perceber e até responder fisicamente aos ritmos de uma música, revelando sua habilidade de resposta física à percepção. Conforme Lima (2018), estudos mostram que a pulsação facilita a percepção de eventos auditivos ou mesmo visuais, e que a percepção de pulsações envolve tanto a escuta passiva como a escuta ativa de música:

A escuta musical é uma mistura desta participação ativa com uma “observação” passiva. Ela ocorre quando o espectador desenvolve representações mentais gradualmente, conforme escuta a peça musical, num processo de escuta cumulativa que envolve a memória de eventos passados. Tanto expectativas quanto memórias, portanto, fazem parte da percepção, que sempre se dá no momento presente da escuta. (LIMA, 2018. p. 20)

Sá, Batista e Sousa (2018) empreenderam um estudo em torno da percepção do indivíduo surdo envolvendo a tradução da informação sonora em vibrações táteis a fim de desenvolver uma nova ferramenta tecnológica que contribuísse para o ensino de música para pessoas surdas. Desse modo, descobriram que pesquisas anteriores a respeito da percepção musical de pessoas surdas já revelavam como o indivíduo surdo percebe a mudança de frequência dos sons emitidos pela música. As pessoas surdas conseguem até cantar algumas notas ao serem expostas a sons amplificados ou à utilização de instrumentos percussivos, mostrando a eficácia da percepção tátil e como ela pode atingir diferentes partes do cérebro.

Esses autores puderam compreender “que vibração é um dos estímulos mais comumente empregados para treinamento de habilidades que envolvem trabalho com pessoas surdas e vem sendo amplamente aplicado no contexto do ensino de música.” (SÁ, BATISTA; SOUSA, 2019, p.25). Eles elaboraram uma ferramenta tecnológica chamada *Auris Keyboard* permitindo às pessoas surdas sentirem os elementos rítmicos e melódicos da música através das vibrações. Os autores realizaram um experimento com pessoas surdas com o objetivo de observar a colaboração dessa ferramenta no ensino musical do indivíduo surdo. Os resultados da pesquisa mostraram que, através da vibração, é possível interpretar a frequência de uma música pelo tato. Mesmo os indivíduos surdos que não têm contato com elementos da música podem identificar a rítmica de uma música e “deste modo, fazendo uso de um estudo frequente de percepção, o indivíduo poderá atingir a compreensão musical desejada.” (SÁ, BATISTA; SANTOS, 2019, p. 39).

A partir desses estudos, percebemos que a música não só pode ser percebida pelo indivíduo surdo como também pode ser interpretada por ele, somando a apreciação ao estudo da percepção musical. Portanto, podemos sugerir ao sujeito surdo não só a escuta musical, mas o fazer musical, se assim desejar.

Após ter tratado sobre educação musical inclusiva e percepção musical na surdez, trataremos das representações mentais, seus conceitos e contribuições para o aprendizado musical.

2.3 Representações Mentais

O estudo das representações mentais nos possibilita ampliar o conhecimento cognitivo relacionado à vivência musical, nos levando a compreender melhor como a mente trabalha ou reage aos estímulos musicais durante a apreciação musical ou mesmo ao executá-la. Por isso, apresentaremos a seguir o conceito de representações mentais e algumas pesquisas ligadas a essa temática.

De acordo com a pesquisadora Diana Santiago, “as representações mentais são imagens mentais que nos permitem “visualizar” um objeto ausente que nos é familiar e nos possibilitam agir a partir dessa visualização.” (SANTIAGO, 2002, p. 147) A autora empreendeu um estudo sobre as representações mentais na *performance* musical baseado na análise da obra *Ponteios para piano* de Camargo Guarnieri. Segundo a autora, “as atividades mais comuns do

cotidiano baseiam-se em representações mentais que criamos" (SANTIAGO, 2002, p. 169). Ela exemplifica quando nos recorda “a possibilidade que temos de entrar e nos movimentar em um quarto escuro já conhecido” (SANTIAGO, 2002, p. 169). Isso é possível porque possuímos uma imagem interior desse ambiente, uma imagem mental que se forma a partir das nossas sensações e percepções do mundo ao nosso redor. “Também a escuta musical envolve representações mentais próprias” (SANTIAGO, 2002, p. 171). Ao ouvirmos e experimentarmos uma obra musical atribuímos uma representação mental à obra apreciada. É importante ressaltar que a habilidade de compreender música não se restringe apenas aos músicos. Os não músicos também têm essa habilidade porque “os processos mentais exibidos por ambas as categorias de ouvintes não são diferentes, eles são simplesmente utilizados com mais eficiência por músicos.” (SANTIAGO, 2002, p. 171).

David Huron, outro pesquisador na área de Cognição Musical, executou vários experimentos relacionados a essa área. Em um dos seus experimentos, observou as representações mentais referentes à música durante uma apreciação musical que promoveu com estudantes universitários de música e com pessoas que não tinham nenhum conhecimento musical. Os resultados da sua pesquisa apontam “três exemplos que ilustram representações mentais em música: memória de letras de música; esquemas de percepção para audição de graus de escala; audição de passagens musicais em termos de categorias retóricas.” (HURON, 2012, p. 19).

Segundo o autor:

Há amplas evidências da existência de representações mentais musicalmente pertinentes. Ouvintes comuns têm acesso a representações mentais em música, e podem pensar música de maneira introspectiva. Algumas representações podem ser acessadas na total ausência de som. Podemos manipular essas representações mentais de variadas formas, mas não podemos manipulá-las de todas as formas que quisermos. (HURON, 2012, p. 43).

Dessa forma, podemos direcionar o ouvinte de música durante uma apreciação musical indicando, por exemplo, que pense na letra ou na melodia da música, para proporcionar o acesso consciente às suas imagens mentais, relacionando-as com uma música proposta.

Alves analisou a relação da *performance* musical com as representações mentais a partir da execução musical de clarinetistas de orquestras. Sobre o conceito de representação mental o autor destaca que:

Representação mental pode ser considerada como um processo no qual as representações internas correspondem aos estímulos externos. Dessa forma,

pressupõe-se que as representações mentais possam auxiliar na codificação, no armazenamento e nas formas de evocação das informações na memória. (ALVES, 2012, p. 1340).

Assim, podemos dizer que a música serve como estímulo externo para evocar memórias visuais durante uma apreciação musical por meio da percepção sensorial, o que nos permite uma experiência de sensações ao ouvir ou sentir determinada música. Alves aponta que:

As imagens mentais são semelhantes à percepção do estímulo externo, e também podemos gerar imagens mentais do estímulo por meio da integração e ativação das informações armazenadas na memória. As informações das características visuais do objeto se tornam disponíveis aos sistemas sensoriais, que podem representá-lo na sua ausência. (ALVES, 2012, p. 1341-1342).

Os resultados do seu estudo indicam que as representações mentais direcionam a *performance* de acordo com as informações musicais armazenadas durante o estudo da clarineta. Apontam também que a *performance* musical gera uma ampla gama de representações mentais que, acessadas e organizadas, auxiliam na qualidade da *performance* musical.

A respeito de representações mentais e ensino de música, Sousa destaca que:

As representações mentais podem ser utilizadas em diferentes práticas musicais de forma consciente ou inconsciente. Isso pode ser exemplificado quando, no ato de compor, cantar ou tocar um instrumento, o músico visualiza em suas mentes imagens de lugares, situações, sensações, acordes, escalas, notas na partitura, sons etc. (SOUSA, 2020, p. 59).

O autor demonstra na sua dissertação a presença e utilidade das representações mentais com jovens de doze a quatorze anos de uma turma de flauta doce da escola Manoel Rosendo Freire, na cidade de Pacatuba - CE, tocando a música “Asa Branca” de Luís Gonzaga. O seu experimento permitiu observar as imagens mentais envolvidas na execução musical dos estudantes a partir das suas respostas à pergunta sobre o que estavam pensando enquanto tocavam a música “Asa Branca”. Os principais resultados obtidos pelo autor mostram que as representações mentais contribuem para a compreensão e execução musical do aluno quando evocadas conscientemente. Demonstram também que as imagens mentais direcionam os alunos de música à prática, à escolha e ao fazer musical. (SOUSA, 2020).

Outra pesquisa relacionada a educação musical e representações mentais permitiu apontar as estratégias utilizadas pelos membros da “Banda do Norte”, Banda de Música do

Curso de Música - Licenciatura da UFC *Campus* de Sobral. Gabriela Silva, autora da pesquisa, observou os efeitos das representações mentais na execução musical dos membros da Banda do Norte com base na análise dos registros das manifestações de pensamento dos participantes da sua pesquisa. Para isso, solicitou que os músicos expressassem seus pensamentos durante a execução musical da obra “Dois corações”. O resultado das suas investigações aponta que, com a construção de representações mentais durante a execução de uma música, acontece um desenvolvimento cognitivo-musical que auxilia na aprendizagem musical dos membros da banda do Norte (SILVA, 2017).

Percebemos que tanto os músicos como os não músicos são capazes de acessar representações mentais relacionadas à música, e essas representações podem ser acessadas também no ato de ouvir uma música e sentir música por meio da percepção. Vimos também que os surdos, com ausência do sentido da audição, percebem o mundo através da visão e do toque, e a partir desses sentidos constroem suas imagens mentais. Por isso, escolhemos realizar esta pesquisa com pessoas surdas unindo música e representações mentais para observar se essa união consciente pode proporcionar uma aproximação não apenas do conhecimento musical, mas também um sentimento estético a partir da experiência de sentir a música de maneira consciente.

3 METODOLOGIA

3.1 Protocolo Experimental

O universo desta pesquisa foi composto por quatro pessoas surdas com idades entre 22 e 53 anos, residentes no distrito de Sítio Alegre, Morrinhos, Ceará. Três dos quatro participantes eram surdos de nascimento e o outro teve perda auditiva ao longo da vida.

A metodologia empregada tem como instrumentos de coleta de dados, em primeiro lugar, a pesquisa bibliográfica¹ apresentada anteriormente, com o intuito de analisar a literatura específica em trabalhos acadêmicos e artigos científicos sobre linhas de pesquisas relacionadas à educação musical inclusiva e surdez, percepção musical e surdez, e representações mentais, a fim de buscar suporte para a definição de conceitos, fundamentação teórica e contextualização do estudo dentro do universo científico em geral.

Em seguida, optamos por realizar um experimento de apreciação musical com pessoas surdas no qual a pesquisadora teve contato direto com os investigados para, a partir da observação dos sentidos de cada participante, coletar dados relativos às representações mentais ocasionadas pela apreciação musical. A abordagem da pesquisa foi qualitativa, visando elencar elementos para responder à pergunta que originou este trabalho: "A percepção consciente das representações mentais em pessoas surdas auxilia a forma como elas sentem a música?".

Segundo Strauss:

Com o termo “pesquisa qualitativa” queremos dizer qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interações entre nações. (STRAUSS, 2008, p. 23).

Para realizar o experimento musical com as pessoas surdas do distrito de Sítio Alegre, escolhemos como recurso as vibrações sonoras que permitem a pessoa surda sentir as músicas pelo tato. “Alunos com surdez mais profunda conseguem ouvir ruídos de vários tipos e serem sensíveis a vibrações de toda espécie.” (SCHAMBECK, 2017, p. 122). Tendo isso em vista, a autora deste trabalho fez uma pesquisa para testar caixinhas de som portáteis nas lojas de eletrônicos de sua cidade e escolheu a caixinha de som portátil H'MASTON YX-225BT, a qual tinha uma intensidade de vibração satisfatória para o experimento e poderia ser segurada

¹ Na página 16 deste trabalho

entre as duas mãos dos investigados para que conseguissem sentir as vibrações das duas músicas propostas, como ilustrado nas fotos 1 e 2.

Figura 1 – Caixinha de som portátil H'MASTON YX-225BT



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 2 – Posicionamento das mãos na caixinha de som



Fonte: Elaborado pela autora

Escolhemos duas músicas para o experimento, uma calma e outra agitada, no intuito de investigar se o caráter de cada uma poderia influenciar ou não a sensação musical dos investigados, e se as imagens mentais a serem observadas pelo viés da vibração sonora seriam

diferentes para cada música. A música calma selecionada foi *Hallelujah*² de Leonard Cohen, interpretada a *capella* pelo grupo estadunidense “Pentatonix”. Escolhemos essa versão de um grupo de *Beatbox* porque a percussão vocal da música permite sentir a vibração de forma significativa mesmo sendo uma canção calma. A música agitada que escolhemos foi *Alive*³ do DJ Alok, artista brasileiro da cena eletrônica, a qual foi selecionada pelo próprio caráter eletrônico, que gera bastante vibração quando reproduzido na caixinha de som. Como já mencionado, o principal critério para a escolha das músicas foi a vibração de ambas na caixinha de som. Durante o processo de escolha, a pesquisadora elencou várias músicas de estilos similares tanto para a música calma quanto para a agitada, e fez alguns testes para sentir a vibração das músicas com as duas mãos, segurando a caixinha até escolher as duas mais significantes para o presente trabalho.

Por conta da pandemia do coronavírus, pela qual fomos acometidos há mais de um ano, o estudo aconteceu com cada pessoa individualmente em sua respectiva residência. Para tanto, a pesquisadora estabeleceu primeiro o contato virtual com os participantes ou alguém da família do participante, de modo a apresentar a pesquisa, realizar o convite e o agendamento da visita presencial para a realização do experimento.

Respeitando todos os protocolos de prevenção à covid-19, a pesquisadora compareceu aos locais nas datas previstas acompanhada por uma pessoa responsável pelas gravações. Apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que fosse lido e assinado pelos colaboradores da pesquisa, explicando que os registros realizados por eles seriam utilizados para uma pesquisa de graduação (ver modelo de TCLE no anexo, p. 43). Em seguida, uma breve entrevista foi efetuada com cada participante, a fim de conhecer o seu grau de surdez e também suas relações com a música. A principal forma de comunicação dos participantes era a sinalização, mesmo que alguns pudessem fazer leitura labial e um deles fosse um pouco oralizado. Por isso, durante toda a visita e o experimento, a pesquisadora recebeu o auxílio de um parente de cada integrante da pesquisa, e todo o experimento foi gravado para que posteriormente a pesquisadora pudesse fazer uma análise detalhada dos dados. A pesquisadora apresenta um pouco de conhecimento em LIBRAS, adquiridos na disciplina de LIBRAS do Curso de Música, no entanto não é fluente na língua. A maioria dos participantes utilizavam sinais que eles mesmos criaram, não pertencentes à LIBRAS. Devido a isso, foi necessário o auxílio dos familiares, já que algumas vezes a autora não conseguia compreender e interpretar as respostas dos participantes. Assim, o recurso da gravação foi importante para

² <https://youtu.be/0CCizPla9BI>

³ <https://youtu.be/LRP8d7hhpoQ>

que a pesquisadora conseguisse, em um momento posterior, observar mais detidamente e interpretar melhor as informações transmitidas pelos participantes. É importante mencionar que, para a segurança de todos os participantes, a autora deste trabalho experimentou a sensação das vibrações da caixinha com luvas de plástico e o resultado não foi satisfatório. As luvas absorveram grande parte dessas vibrações, podendo prejudicar as sensações dos participantes e os resultados da pesquisa. Assim, a caixinha de som foi desinfetada antes, durante e após cada intervenção para que os participantes pudessem segurá-la com segurança e sentir melhor as vibrações.

3.2 Estrutura do Experimento

O experimento utilizado nesta pesquisa, que tinha como objetivo investigar o que os participantes pensavam, evocando as representações mentais elaboradas durante a apreciação musical pelas vibrações sentidas, foi inspirado em estudo de David Huron (2012) realizado com duas turmas de um curso de teoria musical que participaram de uma atividade de apreciação musical. O autor distribuiu para a primeira turma um questionário que só podia ser lido depois de ouvirem dois minutos de uma sinfonia de Mozart. Repetiu o experimento com a outra turma, só que dessa vez com o aparelho de som desligado. Após os dois minutos de música, o autor pediu que respondessem à pergunta sobre em quais elementos eles estavam pensando durante a atividade de apreciação musical da obra apresentada. A primeira turma foi orientada a responder o questionário logo depois de ouvir os dois minutos de música e a segunda turma depois de dois minutos de silêncio após a escuta da música. As repostas dos alunos ao questionário revelaram que os estudantes acessaram imagens mentais referentes à música, mesmo os da turma que ouviu o silêncio (HURON, 2012).

Como esperava, o grupo que ouviu a passagem sinfônica de Mozart relatou pensamentos mais relacionados à música. No entanto, essa diferença não se mostrou significativa. Em média, os alunos que ouviram a música relataram menos de 5% de seus pensamentos relacionados à música, enquanto o outro grupo, não exposto à passagem, relatou apenas 1% de seus pensamentos relacionados à música. Isso significa que, dos 120 segundos de música, o grupo que ouviu a música gastou em média cerca de 6 segundos pensando em música. (HURON 2012, p. 20).

O experimento executado por Huron com seus alunos de teoria musical teve como base a apreciação musical, em que propôs que os estudantes ouvissem um pequeno trecho da obra de Mozart e depois escrevessem os pensamentos ocorridos durante esse período de tempo.

O experimento realizado com os indivíduos surdos de Sítio Alegre se assemelha ao de Huron em sua estrutura. Entretanto, adaptamos a atividade de apreciação musical, priorizando o sentido das vibrações através do tato, com base nos meios que proporcionam a percepção musical do indivíduo surdo apresentados nas pesquisas que fundamentaram este trabalho.

3.3 Procedimentos

As intervenções foram empreendidas entre os meses de setembro e novembro de 2021, nas datas e horários acordados antecipadamente com os investigados. Cada intervenção foi organizada em duas partes. Na primeira parte, a pesquisadora entregou a caixinha de som aos participantes e explicou que colocaria duas músicas para eles sentirem a vibração sem explicar o objetivo da experiência e sem pedir ainda para que se concentrassem nos seus pensamentos. Após os participantes sentirem a vibração das duas músicas, a pesquisadora recolheu a caixa de som e disponibilizou uma folha de papel com a seguinte pergunta: "Em que você estava pensando enquanto sentia a vibração da caixinha de som?". A pesquisadora entregou as folhas de papel para os participantes, ajudou-os a entender a pergunta e explicou que poderiam escrever ou desenhar o que pensavam. Depois, sinalizou a pergunta e orientou que respondessem com calma, buscando elementos na sua memória que ajudassem a responder à pergunta. 2 participantes preferiram respondê-la por meio de sinais e um participante preferiu responder falando. Esse procedimento durou aproximadamente 15 minutos para cada participante.

Já na segunda parte do experimento, a pesquisadora devolveu a caixinha de som aos investigados e explicou que repetiria o procedimento para que eles percebessem quais pensamentos surgiram enquanto sentiam as vibrações das músicas, sugerindo que realizassem uma apreciação musical de forma consciente. Os participantes sentiram novamente as músicas e depois escreveram, desenharam, sinalizaram e falaram o que pensaram durante a segunda parte do processo. Esse procedimento durou aproximadamente 20 minutos para cada participante.

Ao final do experimento, a pesquisadora recolheu a caixinha e os papéis e agradeceu a acolhida e a colaboração dos participantes na pesquisa.

3.4 Apresentação dos Participantes

Apresentaremos agora os participantes da pesquisa, fornecendo algumas informações relevantes sobre cada um, recolhidas com eles durante os encontros. É importante ressaltar que a surdez é classificada em graus medidos pela intensidade em que a pessoa pode ouvir. São eles: perda auditiva leve, moderada, severa e profunda (DESSEN; BRITO, 1997). Um indivíduo é considerado surdo quando apresenta qualquer grau de surdez. Os graus de surdez apresentados pelos participantes desta pesquisa foram surdez moderada e surdez profunda.

Sobre a forma de comunicação dos participantes, usamos o termo “língua de sinais” para os participantes que conhecem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o termo “sinais emergentes” para aqueles que não tiveram contato com a LIBRAS, mas desenvolveram sinais e gestos a partir das suas experiências visuais do cotidiano. Para o uso desses termos, nos baseamos em Strobel, que explica:

O segundo artefato cultural do povo surdo é o linguístico, a língua de sinais e um aspecto fundamental da cultura surda. No entanto incluem também os gestos denominados "sinais emergentes" ou "sinais caseiros" dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e se procuram comunicar apontando e criam sinais, pois não tem conhecimentos de sons e de palavras. (STROBEL, 2008, p. 44).

Todos os participantes da pesquisa moram na zona rural e apenas a participante 1 teve contato com a Língua Brasileira de Sinais quando estudou em escola para surdos no período em que morou na cidade de Fortaleza - CE.

Participante 1

A participante 1 tem 24 anos e nasceu surda. Seu grau de surdez é profundo, consegue ouvir apenas ruídos muito altos e somente com um dos ouvidos. Não é oralizada, mas se comunica muito bem com a língua de sinais e faz leitura labial. Estudou por dois anos em escola para surdos, o que lhe ajudou significativamente no desenvolvimento da comunicação. Sabe escrever algumas palavras.

Participante 2

O participante 2 tem 22 anos e nasceu surdo. Seu grau de surdez é profundo, ele consegue ouvir apenas ruídos muito altos. Não é oralizado e se comunica por “sinais emergentes”. Sua comunicação atende bem às suas necessidades cotidianas, no entanto, sua compreensão é um pouco limitada quanto a assuntos que fogem da sua rotina.

Participante 3

O participante 3 tem 48 anos e nasceu surdo. Ele apresenta grau de surdez profunda, percebe poucos ruídos muito altos. Não é oralizado, se comunica por meio de “sinais emergentes” e um pouco de leitura labial. Apresenta dificuldades ao se expressar durante uma conversa.

Participante 4

A participante 4 tem 53 anos e começou a perder a audição na vida adulta. Seu grau de surdez é moderado, consegue ouvir voz alta próxima ao ouvido e alguns ruídos do dia a dia. É oralizada, sua principal comunicação é a fala. Ela se comunica pouco através de sinais e não faz leitura labial. Prefere que nos comuniquemos com ela falando próximo ao seu ouvido.

A seguir, inserimos algumas imagens que nos permitem visualizar o momento da realização do experimento com os quatro participantes surdos, respectivamente:

Figura 4 – Participante 1



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 3 – Participante 2



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 5 – Participante 3



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 6 – Participante 4



Fonte: Elaborado pela autora

Depois de expor o protocolo experimental, entender como ocorreram os procedimentos e apresentar os participantes da pesquisa, veremos a seguir os resultados e a discussão elaborados a partir dos dados obtidos durante os experimentos com os quatro participantes surdos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte, serão expostos os resultados e a discussão relativos ao experimento realizado com as quatro pessoas surdas de Sítio Alegre. Os resultados serão apresentados por participante.

4.2 Participante 1

Ao final da primeira parte do experimento, a participante 1 foi indagada sobre o que havia pensado e sinalizou que pensou em nada e que havia sentido as vibrações das músicas. Mostrou com a mão o andamento da segunda música e completou que não conseguia entender o que essas músicas significavam, nem qual era a letra: “Senti a vibração, mas som, letra, não” (participante 1). A pesquisadora perguntou novamente se a participante pensou em alguma coisa enquanto sentia as vibrações e a participante sinalizou com a cabeça que não. No entanto, ao pensar um pouco mais, ela escreveu no papel algumas palavras como “família”, “Deus”, “coração” etc., conforme podemos observar na figura 7 a seguir.

A pesquisadora, ao pedir que repetisse o procedimento, explicou que o objetivo não era que ela entendesse a letra, mas que viesse a pensar, a lembrar de algum momento que já tinha vivido. Na segunda parte, no final da primeira música do experimento, a participante sinalizou que ficou emocionada, sentiu vontade de chorar, pensou em Deus, na família, que Deus ama a sua família, e escreveu palavras complementando sua resposta e expressando o que pensou e sentiu: “Tudo bem, meu coração, triste, feliz, família que Deus, muito coração, sorriso” (figura 8). Quando sentiu as vibrações do início da segunda música, a participante perguntou se tinha letra na música ou se era só a batida. A pesquisadora respondeu que naquele trecho não tinha letra. Em seguida, a participante sinalizou que conseguia ouvir um pouco e demonstrou o andamento da música com as mãos. Perguntou novamente se era cantada e a pesquisadora explicou que era música eletrônica. Ao final do experimento, a participante escreveu algumas palavras, segundo ela, relacionadas com a batida e a vibração da música: “música: ó tude, homem, amor, amor” (figura 8) e sinalizou que pensou em parque de diversões.

Figura 7 – Resposta da participante 1- Primeiro momento

POR FAVOR, ESCREVA OU DESENHE A RESPOSTA
EM QUE VOCÊ ESTAVA PENSANDO ENQUANTO SENTIA A VIBRAÇÃO DA
CAIXINHA DE SOM?

MEU CORAÇÃO
QUE DEUS
TÁ MELHOR
EU AMA
EU MUITO
ME PIA
~~MINHA MINHA FALA~~
minho família
~~BEM~~ BEM Feliz
Brigando não

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 8 – Resposta da participante 1- Segundo momento

POR FAVOR, ESCREVA OU DESENHE A RESPOSTA
EM QUE VOCÊ ESTAVA PENSANDO ENQUANTO SENTIA A VIBRAÇÃO DA
CAIXINHA DE SOM?

Tudo bem, me coração Deus triste feliz
~~Tudo~~ Família que Deus,
muito coração, carinho,

Música: O Tude, Homem, AMOR, AMOR,
aque parque
Me coração, Te amo

Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que, na segunda parte do experimento, a participante 1 empregou maior concentração ao sentir as vibrações das músicas e, dessa forma, conseguiu acessar algumas imagens mentais distintas para cada uma das músicas propostas.

4.3 Participante 2

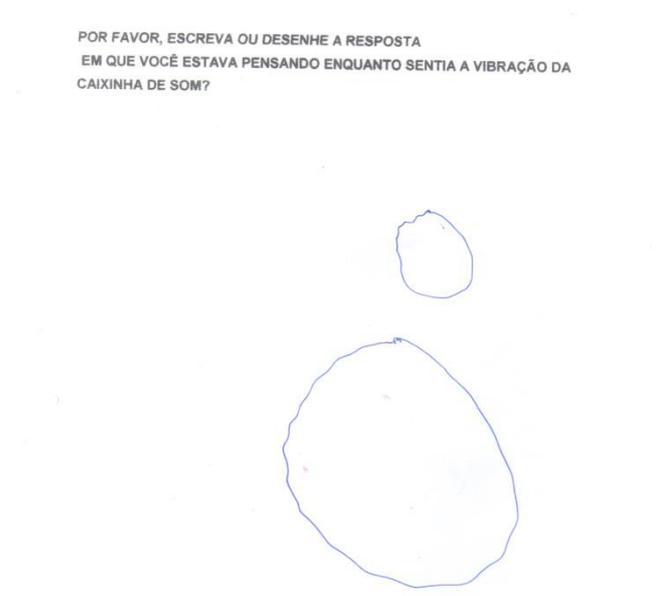
Ao final da primeira parte do experimento, o participante 2 sinalizou que não pensou em nada, sentiu as vibrações, mas não sentiu nada, além disso, não se lembrou de nada. Nessa primeira parte, o participante parecia um pouco desconfortável por não estar compreendendo bem o objetivo do experimento. No final da segunda parte, enquanto segurava a caixinha de som, o participante disse novamente que não pensou em nada.

Observamos, a partir do experimento, que o participante 2 parecia não estar compreendendo o que a pesquisadora estava propondo. Depois que ele sentiu as vibrações das músicas, pareceu entender que seria sobre escutar e entender a letra da música. Em alguns momentos, o participante fazia um sinal negativo com a cabeça ao olhar para a caixinha. Interpretamos que essa ação do participante era referente ao ato de não conseguir ouvir o som reproduzido pela caixinha de som que segurava e não entender o que estava sendo reproduzido na caixinha de som. No entanto, analisamos que, no segundo momento, ele pareceu mais concentrado e, em ambas as partes, acompanhou o andamento das músicas com o corpo.

4.4 Participante 3

Ao final da primeira parte do experimento, a pesquisadora perguntou se o participante 3 havia pensado em alguma coisa. Ele fez sinal com a cabeça que sim, mas sem exemplificar sobre o que se travava seu pensamento. A pesquisadora então perguntou se o participante pensou em uma oração ou na família, no intuito de compreender melhor se o participante se referia ao pensamento ou ao sentimento das vibrações das músicas. O participante indicou que não. Ao final da segunda parte do experimento, o participante desenhou no papel dois círculos (foto 9) um menor e outro maior e explicou que o pequeno era referente à primeira música e o grande à segunda música.

Figura 9 – Resposta do participante 3 - Segundo momento



Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que, no primeiro momento, o participante ainda estava se apropriando da ideia proposta pelo experimento. Na segunda parte, notamos que, ao se concentrar na apreciação musical através das vibrações, ele conseguiu acessar as suas representações mentais quando criou na sua mente dois círculos, um menor e outro maior, referentes às duas músicas propostas, conseguindo, assim, representar com imagens as duas músicas, o que remete provavelmente à intensidade das vibrações de cada uma das músicas.

4.5 Participante 4

Ao final da primeira parte do experimento, a participante 4, questionada sobre o que tinha sentido ou pensado, respondeu que não pensou em nada e falou que conseguiu ouvir o som das músicas bem baixinho, a melodia, mas que não conseguia entender a letra das músicas. Acrescentou que, às vezes, gostava de ouvir música no aparelho de som da sua casa e conseguia ouvir as melodias e entender um pouco a letra quando as músicas eram reproduzidas no volume mais alto. Na segunda parte do experimento, a pesquisadora orientou que a participante se concentrasse e procurasse pensar ou buscar alguma lembrança enquanto sentia as vibrações das músicas. No final do segundo momento, a participante repetiu que não havia pensado em nada. A pesquisadora perguntou qual música ela havia gostado mais e a participante respondeu que foi a última por ser mais agitada.

Observamos que a participante 4 estava atenta à experimentação das vibrações musicais tanto na primeira parte como na segunda, mas, aparentemente, não conseguiu expressar o que pensou ou sentiu naqueles dois momentos, provavelmente por estar prestando mais atenção nas letras do que nas vibrações em si.

4.6 Discussão

Partindo da pergunta norteadora do trabalho, a saber: "A percepção consciente das representações mentais em pessoas surdas auxilia a forma como elas sentem a música?", a nossa hipótese era a de que a percepção consciente das representações mentais durante a apreciação musical auxiliaria de maneira mais significativa as pessoas surdas. Após a exposição dos resultados, observamos que apenas os participantes 1 e 3 acessaram suas representações mentais durante o experimento e inferimos que essa hipótese foi parcialmente comprovada. Os resultados mostram que, na primeira parte do experimento, os participantes 1, 2 e 4 responderam que não pensaram em nada e relataram que não conseguiram entender a letra ou a melodia das músicas. Isso nos leva a supor que nesse primeiro momento os participantes estavam preocupados em ouvir e entender a letra da música, pensando ser esta a proposta da pesquisa e por isso não conseguiram acessar às suas imagens mentais.

Ainda na primeira parte do experimento, pudemos observar que os participantes não ficaram totalmente concentrados na percepção das vibrações das músicas, provavelmente por estarem preocupados em ouvi-las e não em senti-las. Alguns olhavam para a pesquisadora ou observavam o ambiente ao seu redor. Podemos supor que, como não podiam ouvir a melodia e entender a letra das músicas, aquela ação não fazia muito sentido para eles. Identificamos nessa ação dos participantes um obstáculo referente à relação da pessoa surda com a música, citado pela pesquisadora Hilkie Oliveira como sendo "o conceito pré-estabelecido de que a música foi feita apenas para aqueles que ouvem" (OLIVEIRA, 2014, p. 5).

Depois de analisar esse primeiro momento, é possível verificar que a vontade de entender as letras e compreender o tipo de música impediu os participantes de acessar suas representações mentais. Detectamos ainda o aparecimento de algumas imagens mentais nas respostas da participante 1 quando escreve no papel palavras referentes à família e ao cotidiano, usando as palavras "família", "Deus" e "coração".

Na segunda parte do experimento, depois que a pesquisadora explicou que o real objetivo da pesquisa não era que os participantes entendessem a letra da música, mas que, a

partir das sensações vibratórias das músicas sentidas através da caixinha de som, buscassem em sua memória elementos relacionados àquelas vibrações, observamos que os participantes empregaram maior concentração ao experimento. Alguns fecharam os olhos, colocaram a caixinha mais próxima de si ou dos ouvidos, ou olharam fixamente para a caixinha. Notamos que a resposta ao andamento das músicas foi mais recorrente na segunda parte: todos os participantes acompanharam as músicas com o corpo de forma particular.

Desse modo, obtivemos respostas relacionadas ao andamento e à intensidade das músicas, como mostram as reações da participante 1, que demonstrou com as mãos o andamento da música e escreveu algumas palavras relacionadas à batida e à vibração das músicas, ou ainda do participante 3, que desenhou dois círculos, um menor e outro maior, explicando que o menor era referente à primeira música e o maior à segunda música. Isso nos leva a interpretar que a primeira música, sendo mais calma, ele sentiu vibrar menos que a segunda, mais agitada.

Percebemos, na segunda parte, o aparecimento de imagens mentais nas respostas dos participantes. A participante 1 escreveu: "tudo bem", "meu coração", "família" e "sorriso" em relação à primeira música, lembrando-se de ações relacionadas às suas experiências de vida, e escreveu também que pensou em parque de diversões com as vibrações da segunda música. Essas respostas nos mostram as imagens mentais resgatadas enquanto a participante sentia as vibrações das músicas. Ao se concentrarem, os participantes 1 e 3 conseguiram acessar suas representações mentais a partir das sensações vibratórias das músicas, cada um de uma forma distinta.

Com essas observações, o experimento nos ajuda a mostrar que acessar as representações mentais de forma consciente e direcionada pode, de certa forma, influenciar na percepção musical de pessoas surdas, mas não se aplica a todas elas. Por exemplo, no final das duas etapas do experimento, os participantes 2 e 4 responderam não terem pensado em nada durante a apreciação musical. Comprovamos a influência das representações mentais nas respostas dos participantes 1 e 3 no final do segundo momento, depois que a pesquisadora explicou o real objetivo do experimento, enfatizando que não se tratava de ouvir e entender a letra da música, mas senti-las através das vibrações e prestar atenção às imagens que fossem aparecendo durante a atividade. Depois dessa orientação, os participantes seguintes empregaram maior concentração ao sentir as músicas pelo tato e conseguiram encontrar imagens na sua memória para explicar o que pensaram durante a atividade de apreciação musical proposta pela pesquisadora.

Observamos também que a dificuldade de comunicação de alguns participantes influenciou nos resultados do experimento. Em certos momentos da pesquisa, percebemos que

alguns participantes pareciam não compreender o que a pesquisadora estava sugerindo ou a pergunta referente à apreciação musical e, mesmo com a ajuda dos seus familiares, não conseguiram entender de maneira significativa a proposta da pesquisa. Supomos que se houvesse uma maior clareza na comunicação, tanto da pesquisadora quanto dos participantes, a pesquisa teria sido mais bem explorada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou como as representações mentais podem auxiliar o indivíduo surdo durante uma tarefa de apreciação musical no distrito de Sítio Alegre, Morrinhos, Ceará. Estudar sobre o assunto foi desafiador porque não foram encontradas pela autora exemplos na literatura que abordassem diretamente representações mentais relacionadas à escuta musical de pessoas surdas. A pesquisa tinha por objetivo geral analisar as representações mentais de pessoas surdas durante o ato de sentir a música, o que foi realizado com sucesso com 4 participantes surdos do Distrito de Sítio Alegre, na cidade de Morrinhos, Ceará. Para isso, várias etapas foram necessárias. O caminho mais viável proposto para a realização desta pesquisa foi iniciar com a fundamentação teórica. As referências encontradas foram essenciais para a apropriação dos conceitos referentes aos temas principais que envolvem o presente trabalho: Educação Musical Inclusiva e Surdez, e Representações Mentais. O conceito de representações mentais foi apresentado no intuito de explicar como elas são construídas na mente do indivíduo e como são evocadas através de estímulos externos. Também foi apresentada a relação entre representações mentais e o aprendizado musical.

Neste trabalho, compreendemos que as representações mentais são imagens construídas por meio de experiências e conhecimentos atribuídos pelo indivíduo no seu cotidiano, que surgem da memória quando estimulada (SOUSA, 2020). Vimos que tanto músicos quanto não-músicos são capazes de acessar representações mentais relacionadas à música, ao ouvir ou sentir música por meio da percepção, e que o indivíduo surdo percebe o mundo através da visão e do toque, e a partir desses sentidos constrói suas imagens mentais.

Os conhecimentos atribuídos sobre esses temas e a relação feita entre eles auxiliaram na construção das reflexões e na elaboração do experimento pensado para recolher os pensamentos dos participantes durante a percepção das vibrações de duas músicas de caráter diferente, permitindo, assim, apontar as imagens mentais relacionadas com esta percepção.

Um dos elementos importantes desta pesquisa foi proporcionar uma experiência de apreciação musical para pessoas surdas e elaborar um experimento adaptado. Para isso, uma reflexão baseada em estudos sobre a percepção musical do indivíduo surdo foi necessária. Além disso, realizamos uma busca por experimentos relacionados ao nosso tema, que nos auxiliassem para planejar o nosso, usando como principal apoio os trabalhos realizados por Gabriela Silva (2017) e Natanael Sousa (2020). Em seguida, precisamos encontrar uma caixinha de som com alta intensidade de vibração e que apresentasse um tamanho ideal para ser posicionada entre as mãos dos participantes, de modo a permitir que os participantes sentissem as vibrações a fim

de evocar as suas representações mentais; localizar no distrito pessoas surdas que aceitassem participar do experimento e, por fim, realizar as visitas para proceder com o experimento.

De maneira geral, o experimento apontou que a experiência musical vai muito além do ato de ouvir com os ouvidos. A música envolve todo o corpo, e quando estamos abertos a fazer uma apreciação musical atenta podemos experimentar a música de uma forma mais completa. Percebemos que a cultura surda é pouco conhecida e que a falta de conhecimentos sobre ela pode gerar um afastamento do indivíduo surdo da sociedade. A partir dos resultados recolhidos após a aplicação do experimento com os quatro participantes, verificamos que estes ficaram muito preocupados em entender as letras e o sentido das letras das músicas propostas no experimento. Isso impediu, principalmente durante a primeira etapa do experimento, que eles prestassem atenção às vibrações sentidas decorrentes das músicas. Não tínhamos antecipado essa reação por parte da maioria dos participantes, e isso demonstra claramente a influência do mundo no qual estão inseridos, um mundo que pede que todos entendam e compreendam a fala, linguagem recorrente dos ouvintes. Nós, ouvintes, muitas vezes não conseguimos conceber que o sujeito surdo precisa de outra linguagem para se comunicar e queremos que este se adapte à cultura ouvinte, alegando que, dessa forma, o sujeito surdo estará mais bem integrado à sociedade (STROBEL, 2008).

Este trabalho também apontou que, apesar de pesquisas sobre música e surdez na perspectiva da educação musical inclusiva estarem ganhando espaço no Brasil, sua aplicação nas escolas ainda é muito superficial ou inexistente. Ainda são encontrados muitos preconceitos e barreiras na comunicação entre ouvintes e surdos. Porém, para integrar os surdos na sociedade, não deveríamos, nós ouvintes, primeiramente entendê-los e nos aproximar deles para enxergar soluções mais eficientes para integrá-los à nossa sociedade? Tentamos isso propondo esta pesquisa e indo ao encontro de pessoas surdas e percebemos que, para diminuir essa necessidade de entender o sentido das letras das músicas como qualquer ouvinte faria, seria interessante, em um próximo experimento, escolher músicas sem letras e explicar para os participantes que não precisam se preocupar com esse aspecto.

Descobrimos também, através das pesquisas abordadas neste trabalho, que a percepção musical do indivíduo surdo ocorre principalmente por meio da visão e das sensações táteis. Os surdos, em sua maioria, desenvolvem uma alta sensibilidade às vibrações e percebemos que a utilização de um aparelho amplificador como a caixinha de som pode proporcionar uma experiência musical considerável aos sujeitos surdos a partir das sensações táteis.

Ao final da realização do trabalho, na busca de compreender como as pessoas surdas vivenciam a percepção da música, muitas reflexões foram construídas. Durante as visitas, percebemos o espanto somado à alegria dos participantes e de seus familiares ao serem visitados por alguém que enxergou o indivíduo surdo que, até então, parecia esquecido. Notamos o quanto os sujeitos surdos visitados estavam necessitados de uma conversa e pareciam surpresos por alguém estar ali com esse objetivo. Após a realização dos experimentos, os parentes dos participantes expuseram com muita naturalidade e espontaneidade as dificuldades enfrentadas por eles enquanto familiares de um indivíduo surdo e as dificuldades cotidianas vivenciadas pelas próprias pessoas surdas quanto à inclusão na sociedade e nas escolas, relatando muitos momentos de exclusão e indiferença. Falaram também que gostariam de ter mais informações e receber orientações para se comunicarem melhor com seus familiares surdos e que julgam importante que existissem lugares em que eles pudessem encontrar outras famílias com pessoas surdas a fim de se sentirem menos sós no mundo.

Esses relatos nos conduzem a refletir sobre o que poderia ser feito além desse trabalho para atender a alguns dos anseios relatados pelos participantes e por seus familiares. É necessário mais que uma visita ou um experimento para compreender a multiplicidade de formas pelas quais o indivíduo surdo pode experimentar música. Envolver mais pessoas para experienciar o contato com pessoas surdas também seria uma forma de ampliar os conhecimentos nessa área.

Por isso, enfatizamos que esta pesquisa precisa ser aprofundada, visando colaborar de forma mais efetiva para a inclusão do sujeito surdo na educação musical. Esperamos ter contribuído com a reflexão e divulgação de pesquisas sobre representações mentais e música inclusiva. Esperamos também que a presente pesquisa possa incentivar educadores musicais, pesquisadores na área da música e leitores em geral a refletirem sobre a importância da música no processo de inclusão social das pessoas surdas, e que sirva de inspiração para os trabalhadores da educação musical na criação de estratégias para o ensino de música inclusiva para que, dessa forma, possamos contribuir para a conquista do espaço do indivíduo surdo no meio musical, na arte e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Anderson César. Representações mentais e performance musical na clarineta. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA – SIMPOM, 2., 2012, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 14 mar. 2022.

DESSEN, M. A.; BRITO, A. M. W. de. Reflexões sobre a deficiência auditiva e o atendimento institucional de crianças no Brasil. **Paidéia** (Ribeirão Preto), [S. l.], n. 12-13, p. 111-134, 1997. DOI: 10.1590/S0103-863X1997000100009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/6029>. Acesso em: 3 fev. 2022.

HURON, David. Música e mente: fundamentos da musicologia cognitiva. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 20, n. 34/35, p. 5-47, jan.-dez. 2012.

GLENNIE, E. Feeling Sound with Evelyn Glennie, 2019. 1 vídeo (5m 51s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G12a6w6sTAs>. Acesso em: 3 fev. 2022.

LIMA, Letícia Dias de. **Percepção musical e cognição**: abordagem de aspectos rítmicos no treinamento auditivo. São Paulo, 2018 131 f.: il.

LOURO, V. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Editora Som, 2012

MATHIAS, Mercia S. **Narrativas de pessoas surdas que apreciam a música**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11381>.

MATHIAS, Mércia Santana. Produção acadêmica sobre música e surdez: o que revelam as publicações brasileiras. **Revista da Abem**, v. 27, n. 42, p. 71-93, jan./jun. 2019.

OLIVEIRA, Hilkie Cibelle da Cruz. O desenvolvimento do sujeito surdo a partir da música. **Revista Virtual De Cultura Surda**, n. 14, set. 2014 – ISSN 1982-6842

SÁ, Caio Vinícius Pereira de; BATISTA, Carlos Eduardo Coelho Freire; SANTOS, Donately da Costa. Auris Keyboard: ferramenta de auxílio ao treinamento de percepção musical para pessoas surdas. **Revista da Abem**, v. 27, n. 43, p. 21-43, jul./dez. 2019

SANTIAGO, Diana. Proporções nos Ponteiros para Piano de Camargo Guarnieri: um estudo sobre representações mentais em performance musical. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 143-185, jun. 2002.

SCHAMBECK, R. F. Vendo, sentindo e tocando: processos de musicalização de crianças surdas. **Orfeu**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 114-132, 2017. DOI: 10.5965/2525530402022017114. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530402022017114>. Acesso em: 06 out. 2020.

SILVA, A. G. L. **A Influência das representações mentais no desenvolvimento cognitivo-musical dos estudantes do curso de música – licenciatura da UFC, campus Sobral:** uma investigação na banda do norte. 2017. 44f. Monografia (Graduação em Música - Licenciatura) - Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2017.

SOUSA, Natanael Martins de. **As representações mentais na execução musical:** o caso dos estudantes de flauta doce de uma escola pública de Pacatuba-CE. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamental. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SUITI, S. “Escutar música por dentro”: Sentidos da música e as aulas de técnica vocal e violão para um surdo profundo. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 19, n. 19, p. 105-119, 2018. DOI: 10.5965/2358092519192018105. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/12999>. Acesso em: 21 jul. 2021.

VASCONCELLOS, J. L. C. Representações mentais: uma abordagem cognitivista. **Saúde mental em foco do Cesuca** - ISSN 2316-3674, [S.l.], v. 1, n. 1, ago. 2012. ISSN 2316-3674. Disponível em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/saudementalemfoco/article/view/19>. Acesso em: 06 out. 2020.

WISNIK, J. M. **O som e o sentido:** Uma outra história das músicas. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANEXO A- MODELO TCLE

Universidade Federal do Ceará
 Campus de Sobral
 Curso de Música - Licenciatura
 R. Cel. Estanislau Frota, 563 - Centro
 CEP: 62010-560
 Sobral – CE - Brasil



Título do projeto: A influência das representações mentais na apreciação musical de pessoas surdas
Trabalho de Conclusão de Curso
Pesquisadora: Terezinha Vitória dos Santos
Orientadora: Dra. Adeline Stervinou, Universidade Federal do Ceará (UFC) *Campus* de Sobral, Brasil

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Carta explicativa aos participantes

Prezado Participante

Você está sendo convidado/a para participar de um experimento sobre música e surdez promovido pela pesquisadora Terezinha Santos, discente do Curso de Música da Universidade Federal do Ceará *Campus* Sobral, por ocasião do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Esta pesquisa se propõe em investigar e definir as representações mentais implicadas na apreciação musical da pessoa surda. A pesquisa terá por objeto de observação pessoas com surdez.

O objetivo da pesquisa é analisar a influência das representações mentais na percepção musical em pessoas com surdez. A hipótese inicial é que a percepção consciente das representações mentais durante apreciação musical auxilia de maneira mais significativa as pessoas surdas. Além disso, será relevante observar a musicalidade dos surdos e sua relação com a música no cotidiano, na ausência de som. A principal expectativa desta pesquisa é descrever o sentimento musical dos surdos e promover uma interação do mesmo com a música.

Por que estamos fazendo este estudo?

Uma das primeiras fases desta pesquisa consiste em definir as imagens mentais relacionadas à música durante a exposição do participante surdo à música. Para isso, será necessário fazer um simples experimento musical com você, a fim de saber a influência das representações mentais no sentimento musical durante uma apreciação musical.

Quanto tempo durará o experimento?

Estima-se que o experimento poderá durar entre quarenta (40) minutos e uma hora.

Quais são os procedimentos para o experimento?

Se concordar em participar desta apreciação musical, poderá ser gravado(a) em formato de áudio e vídeo durante a experiência. A apreciação musical acontecerá de forma presencial, respeitando todos os protocolos de prevenção à Covid-19. Utilizaremos apenas uma pequena caixa de som, disponibilizada e devidamente higienizada pela pesquisadora.

Quais são os riscos e os inconvenientes ligados à participação neste experimento?

Não existe qualquer risco e inconveniente conhecido ou previsto ligado a participação neste experimento

Quais são os benefícios ligados à participação neste experimento?

Contribuir de maneira significativa para esta pesquisa compartilhando sua experiência.

Compromisso do pesquisador de utilizar os dados e/ou material coletado somente para esta pesquisa

Todos os dados coletados serão somente utilizados para esta pesquisa e permanecerão confidenciais. Eles serão somente acessados pela equipe da pesquisa. As citações diretas e/ou indiretas provenientes de você poderão ser utilizadas se os experimentos forem publicados. Somente os membros da equipe de pesquisa terão acesso aos dados da pesquisa.

Participação voluntária e direito de se retirar do experimento

A participação neste experimento é voluntária. Você poderá retirar seu consentimento ou se recusar a participar, assim como se recusar a responder qualquer questão ou se retirar da entrevista a qualquer momento. Se você decidir retirar-se do experimento, terá o direito de solicitar a remoção de todos os dados coletados sobre você. Se desejar que os seus dados sejam retirados, deverá apenas informar à pesquisadora. Não existe nenhum impacto negativo se você se retirar da entrevista e os dados coletados sobre você não serão utilizados.

Pagamento ou remuneração: Nenhum participante receberá nenhum pagamento por participar do experimento.

Formulário de consentimento do participante

Eu aceito que utilizem as imagens em que apareço, recolhidas durante o experimento, quando a pesquisa será publicada.

SIM NÃO

Eu aceito que utilizem citações minhas feitas durante a pesquisa, quando esta for publicada.

SIM NÃO

Eu aceito que utilizem extratos de vídeos em que apareço, gravados durante o experimento, quando esta for publicada.

SIM NÃO

Eu aceito que utilizem o meu nome quando a pesquisa será publicada.

SIM NÃO

O abaixo assinado _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante desta pesquisa.

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo às minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

_____ (lugar), ____/____/____ (data)

Assinatura do participante

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com a coordenadora desta pesquisa.